

CRASH BODY:



A REVOLUÇÃO ESTÁ NO CORPO

PAULA GARCIA

THE REVOLUTION IS IN THE BODY

The type of relationship you have with people, in both life and art, is where the magic takes place. In performance, the cool thing is in the exchange of energy, the clash between performer and spectator. More important than the act of performing or the physical question itself, is the human question. The manner an artist produces tensions between the body, the experience and sensorial reality is what determines the nature of each work. Marina Abramović's connection with museum visitors in *The Artist is Present* or in her trips to *The Space In Between*, Lygia Clark with her "relational objects" in the 1960s, or Joseph Beuys living in an art gallery for two days with a coyote, in *I Like America and America Likes Me*, are considered masterpieces given the artists' involvement with their proposals, to the amount of truth they bear. To be a good performer, you need to be present.

In a world in which physical presence is no longer essential, with a plethora of connection tools, we can promote real events without being in the same place. Quite revolutionary. Today, to be an artist, simply making art does not suffice. It also means being the producer, curator and, especially, the *connector*. How much have I really invested my life working on my own projects, producing, curating, and learning new figures, are issues that directly relate to performance:

"The body in our contemporary societies is no longer merely an assignation to an intangible

O tipo de relação que você tem com as pessoas, na vida e na arte, é onde a magia acontece. Na performance, o grande lance está na troca de energia, no embate entre o performer e o espectador. Mais do que o ato de performar, do que a questão física em si, está a questão humana. O modo como o artista produz tensões entre o corpo, a experiência e a realidade sensorial é o que determina a natureza de cada obra. A conexão de Marina Abramović com os visitantes do museu em *The Artist is Present* ou em suas viagens para o *The Space In Between*, Lygia Clark com seus "objetos relacionais" nos anos 1960, ou Joseph Beuys vivendo em uma galeria de arte por dias com um coiote, em *I Like America and America Likes Me*, são consideradas obras-primas devido ao envolvimento dos artistas com suas propostas, à carga de verdade que trazem. Para ser um bom performer, você tem que estar presente.

Em um mundo no qual a presença física já não é mais essencial, com um sem-fim de ferramentas de conexão, podemos promover encontros verdadeiros sem estar no mesmo lugar. Algo revolucionário. Hoje em dia, para ser artista, não basta apenas fazer arte. Significa também ser produtor, curador e, principalmente, *conector*. O quanto de fato eu tenho empenhado a minha vida trabalhando em meus próprios projetos, produzindo, curando e conhecendo novas figuras, são questões que estão diretamente ligadas à performance:

identity, the irreducible incarnation of a subject, its being-in-the-world, but rather a construction, a connection point, a terminal, a transitional object that can be manipulated and paired with many adornments.”¹

Corpo Ruído [Noise Body], my first big series, consists of 10 works (performances, photographs and videos) that address relations between body and noise in the art field. Such investigation refers to the rupture with the notion of absoluteness to generate the possibility of more organic and ephemeral forms in the production of an art in progress. The idea is to destabilize, to disrupt, in order to create something new and real. Magnets are elements of my work that serve to discuss the concept of forces: not only the invisible and subjective, but also the more evident ones, such as social, political and economic forces that consolidate a system of power that ends up shaping our feelings, subjectivities, and skeletons. What I propose with this project is the performative use of my body as material support in which the forms of conflict are inscribed.

THE OTHER AND ME

In 2016, I had the luck of being part of a network of people connected through the project Melissa Meio-Fio, which is present at SP-Arte. It involved nine “connectors” (coworkers who connect what is happening to what needs to be discovered) who mapped nine other “reflectors” (creators with works and ideas that represent the entire language diversity allowed by art). After a two-day workshop with them at a ranch in São Paulo, I came back energized.

What touched me the most in my involvement with the group was that, in a certain way, everything I said as an artist in my work – about the body facing the system and its invisible forces – is what they experience daily. They are people who have a very strong impetus of really wanting to change things and know

“O corpo não é apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irredutível do sujeito, o ser-no-mundo, mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos”.¹

Corpo Ruído, minha primeira grande série, consiste em dez trabalhos (entre performances, fotografias e vídeos) que tratam das relações entre corpo e ruído no campo da arte. Tal investigação diz respeito à ruptura com a noção de absoluto para gerar a possibilidade de formas mais orgânicas e efêmeras na produção de uma arte em processo. A ideia é desestabilizar, desestruturar, para criar algo novo e verdadeiro. Os ímãs são elementos do meu trabalho que servem para discutir o conceito de forças: não apenas as invisíveis e subjetivas, mas também as mais evidentes, como as forças sociais, políticas e econômicas que consolidam um sistema de poder que acaba por moldar nossos sentimentos, subjetividades e esqueletos. O que eu proponho com esse projeto é o uso performático do meu corpo como suporte material no qual as formas de conflitos são inscritas.

O OUTRO E EU

Em 2016, tive a sorte de fazer parte de uma rede de pessoas ligadas através do projeto Melissa Meio-Fio, que marca presença na SP-Arte. Envolveu nove “conectores” (colaboradores que conectam o que está acontecendo ao que precisa ser descoberto) que mapearam outros nove “refletores” (criadores com trabalhos e ideias que representam toda a diversidade de linguagem permitida pela arte). Após um workshop de dois dias com eles em um sítio em São Paulo, voltei energizada.

O que mais me tocou no envolvimento com o grupo foi que, de certa forma, tudo o que eu falava como artista em meu trabalho – sobre o corpo que enfrenta o sistema e suas forças

¹ LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus, 2003, p. 84.

¹ LE BRETON, David. *L'adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié, 1997. (Our translation)

very well who they actually are. Their body is already a political position in relation to the world as their conflict with political and social issues is direct – be it for their gender identity, skin color, or lack of money. The concepts of *explosion*, *force*, as well as the notion of *I* and the *power* that this carries (which are essential for the performance) are inherent to these artists. They deal with these problems – and many others – using their own languages; and have a pulse of life and expression that comes from experience and daily battles that they need to face. Basically, it is what performers today wish having, but few actually achieve.

Among so many incredible individuals (and projects), three were selected for SP-Arte: Linn da Quebrada, with BlasFêmea; Tracie and Tasha Okereke, with MPIF: Mulheres Pretas Independentes de Favela; and Alexandre Hebert, with Trama São Paulo.

Alexandre Hebert's project, **Trama São Paulo** has a very strong tie with the city – the regions, the history, the signs, and its inhabitants. Coming from Juazeiro do Norte, Ceará state, Alexandre, a self-taught craftsman and weaver, retells the history of São Paulo and of those who cross his path through the lines of a loom. After extensive research about each place, the artist selected 33 different regions to visit. There's a card, an aesthetic and creative path thought out for each one. The city and the exchange with people he meets during the trajectory energize him.

Linn da Quebrada defines herself as: “homosexual, transgender, black, and from the suburbs. Neither actor, nor actress: atrocious. Dancer, performer, and gender terrorist.” A brilliant force, Linn is also one of the founders of NGO ATRAVESSA (Association of Transvestites of Santo André). Project **BlasFêmea** refers to an audiovisual documentary experiment in which Linn looks to explore female power, mix its different forms of artistic expression and navigate through stories of people who, like her, as “homosexual transvestites,” use their body

invisíveis – é o que eles vivem diariamente. São pessoas que têm um ímpeto muito forte de querer realmente mudar as coisas e que sabem muito bem quem, de fato, são. O corpo deles já é uma posição política perante o mundo na medida que seu embate com as questões políticas e sociais é direto – seja pela falta de dinheiro, pela identidade de gênero ou pela cor da pele. Os conceitos de *explosão*, *força*, assim como a noção do *eu* e da *potência* que isso tem (essenciais para a performance) são inerentes a esses artistas. Eles tratam dessas problemáticas – e de outras tantas – usando suas próprias linguagens; e têm uma pulsão de vida e de expressão que vem da vivência e das batalhas diárias que precisam enfrentar. Basicamente, é o que os performers de hoje em dia querem ter e poucos conseguem.

Entre tantos indivíduos (e projetos) incríveis, três foram selecionados para a SP-Arte: Linn da Quebrada, com o BlasFêmea; Tracie e Tasha Okereke, com o MPIF: Mulheres Pretas Independentes de Favela; e Alexandre Hebert, com o Trama São Paulo.

Projeto de Alexandre Hebert, o **Trama São Paulo** tem uma relação muito forte com a cidade – as regiões, a história, os signos e seus habitantes. Vindo de Juazeiro do Norte, no Ceará, artesão e tecelão de formação livre, Alexandre reconta a história de São Paulo e daqueles que cruzam seu caminho a partir das linhas de um tear. Após extensa pesquisa sobre cada local, o artista selecionou 33 regiões distintas por onde passar. Há uma cartela, um caminho estético e criativo pensado sobre cada uma delas. A cidade e a troca com as pessoas que encontra durante o percurso o energizam.

Linn da Quebrada se define como: “Bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz: atroz. Bailarinx, performer e terrorista de gênero”. Força genial, Linn é também uma das fundadoras da ONG ATRAVESSA (Associação de Travestis de Santo André). O projeto **BlasFêmea** diz respeito a um experimento audiovisual documental, por meio do qual Linn quer explorar a potência

for experimentation and to give voice to power, fragility, and loneliness.

The third project, **MPIF: Black Independent Women from the Favela**, was conceived by sisters Tracie and Tasha Okereke. With debates that range from rescuing ancestry to the denial of the uncontrolled consumption system, the twins, creators of the Expensive \$hit blog, leverage artistic and cultural manifestations from the outskirts of São Paulo. Tasha and Tracie's project is the consolidation of **MPIF** through the production and exhibition of artistic works from this part of the city, with actions and works that design a parallel between women from the outskirts with divine and mythological figures – like goddesses, *orixás*, warriors, mermaids, and queens. A clothes collection, fashion show, video-art, and a round of conversation will be some of the tools for building a network and establishing connections for the sisters.

IN FIRST PERSON

Crash Body, the title of my new research, is the theoretical space in which I investigate transcendence as a form of liberation. The idea is to cross the magnetic field, now without material mediation, to reach the other side. I believe that the revolution is *in the body*; that there should be an effort in the sense of promoting, in us and in others, awareness of the power that each individual has.

For the SP-Arte performance project, aiming to investigate the body's role in contemporary art, I thought it would be a good idea to bring to the mainstream circuit names that are not well known or obvious, who materialize fundamental issues linked to performance and crash body concepts, in both their day-to-day lives and in their practices – be it in music, fashion, performance, or the daily activation of their networks.

The importance of these figures in their communities does not only occur through

feminina, misturar suas diferentes formas de expressão artística e navegar por histórias de pessoas que, como ela, enquanto “bicha travesti”, usam o corpo para experimentação e para dar voz à potência, à fragilidade e à solidão.

O terceiro projeto, **MPIF: Mulheres Pretas Independentes de Favela**, foi idealizado pelas irmãs Tracie e Tasha Okereke. Com debates que vão do resgate da ancestralidade à negação do sistema de consumo desenfreado, as gêmeas criadoras do blog Expensive \$hit impulsionam as manifestações artísticas e culturais da periferia de São Paulo. O projeto de Tasha e Tracie é a consolidação do **MPIF** por meio da produção e exposição de trabalhos de artistas dessa área da cidade, com ações e obras que traçam um paralelo entre mulheres da periferia e figuras divinas e mitológicas – como deusas, *orixás*, guerreiras, sereias e rainhas. Coleção de roupas, desfile-show, videoarte e uma roda de conversa serão alguns dos instrumentos de conexão e formação de rede da dupla.

EM PRIMEIRA PESSOA

Título da minha nova pesquisa, *Crash Body* é o espaço teórico em que investigo a transcendência como forma de libertação. A ideia é atravessar o campo magnético, agora sem mediação material, para chegar ao outro lado. Acredito que a revolução está *no corpo*; que deve haver um esforço no sentido de promover, em nós mesmos e nos outros, a consciência da potência que cada indivíduo tem.

Para o projeto de performance da SP-Arte, voltado à investigação do papel do corpo na arte contemporânea, achei por bem trazer ao circuito *mainstream* nomes não óbvios e pouco conhecidos, que materializam as questões fundamentais ligadas à performance e aos conceitos de *crash body* tanto em suas vidas cotidianas como em suas práticas – seja na música, na moda, na performance ou na ativação diária de suas redes. A importância dessas figuras em suas comunidades não se dá só pela



registro da artista Paula Garcia durante a performance *Corpo Ruindo*, no Sesc Pompéia, em 2015
record of artist Paula Garcia during her *Corpo Ruindo* [Crumbling Body] performance at Sesc Pompéia, in 2015
foto · photo » Hick Duarte
cortesia da artista
courtesy of the artist

artistic expression, but mainly from the influence they have and the seeds they plant wherever they go. Now more than ever, the artist has a huge responsibility. Creating alone in a studio no longer suffices. To be an artist today also means being a political agent, an agitator. It means to use the contemporary art machine to promote get-togethers and confrontations, to make a difference.

Like theirs, my life never followed a linear path. And this made all the difference. After studying theater, living in New York, being an actress and waitress, losing and finding myself, I saw myself entering art school at the age of 27, with a very rich life experience. In theater, I began to understand the limits of my body, the different languages and the audience, and it was in performance that I actually found my place. Today, I work as an artist, researcher, and curator of Marina Abramović Institute. Of all the things I have already done, my greatest passion is, without a doubt, in the *process*. Both at the practical as in the emotional level of production, in the relationship with others, and in the exchange of experiences. To be able to bring these artists to SP-Arte and participate in the development of each one of these projects is, without a doubt, transformational for me. ♦

PAULA GARCIA is an artist and researcher. She holds a Master's degree in Visual Arts from FASM-SP, and a bachelor's degree in Fine Arts from FAAP – with artistic experiences and research that focus on performance and its relations with the media –, and works as an artist and curator at the Marina Abramović Institute, in New York. She was associate producer of the movie *The Space In Between – Marina Abramović in Brazil*, and producer of the documentary *Noise Body*, about a series of her own performances between 2007 and 2015. She contributed as co-curator to *Terra Comunal – Marina Abramović + MAI* (2015), at Sesc SP; *The artist is an explorer* (2014), at Beyeler Foundation, in Basel, curated by Marina Abramović; and the La Bial 2013 – El Museo del Barrio, in New York, among others.

expressão artística, mas principalmente pela influência que têm e as sementes que plantam por onde passam. O artista, mais do que nunca, tem uma responsabilidade muito grande. Não basta criar, isolado, em um ateliê. Ser artista hoje é ser também um agente político, um agitador. É usar a máquina da arte contemporânea para promover encontros, embates, fazer a diferença.

Assim como a deles, a minha vida nunca seguiu um caminho linear. E isso fez toda a diferença. Depois de cursar teatro, morar em Nova York, ser atriz e garçonete, me perder e me achar, me vi entrando na faculdade de artes aos 27 anos, com uma bagagem de vida bastante rica. Com o teatro, comecei a entender os limites do meu corpo, as diferentes linguagens e o público, e foi na performance que, de fato, encontrei meu lugar. Hoje trabalho como artista, pesquisadora, e curadora do Instituto Marina Abramović. Entre tudo o que faço e já fiz, minha maior paixão está, sem dúvida, no *processo*. Tanto no nível prático da produção, como no emocional, na relação com o outro e na troca de experiências. Poder trazer esses artistas para a SP-Arte e participar do desenvolvimento de cada um desses projetos é, sem dúvida, transformador. ♦

PAULA GARCIA é artista e pesquisadora. Mestre em Artes Visuais pela FASM-SP e bacharel em Belas Artes pela FAAP – com pesquisa e experiências artísticas que focam em performance e suas relações com o meio –, ela atua como artista e curadora do Marina Abramović Institute, em Nova York. Foi produtora associada do longa-metragem *Espaço além – Marina Abramović e o Brasil*, e produtora do documentário *Noise Body*, sobre uma série de performances suas de 2007 a 2015. Colaborou como cocuradora em *Terra Comunal – Marina Abramović + MAI* (2015), no Sesc SP; em *O artista é um explorador* (2014), na Beyeler Foundation, em Basel, curado por Marina Abramović; na La Bial 2013 – El Museo del Barrio, em Nova York, entre outros.